

## CASA GRANDE E SENZALA\*

Charles Melman

Quando eu recebi o programa destas jornadas, descobri que os organizadores tinham me colocado para falar por último. O que se espera do último quando se trata de um congresso, de um colóquio, é que ele sirva a sobremesa, ou seja, que ele seja breve e saboroso. Breve eu serei com certeza, saboroso eu não sei, não estou certo. Eles [os brasileiros] é que vão decidir efetivamente, porque *sobremesa* em português quer dizer *des-ser*<sup>1</sup>.

Eu vou servir aos antropófagos uma fatia de *des-ser*.

É verdade que o *des-ser* é a única coisa que nós temos em comum, é a nossa verdadeira sociabilidade. Mas nós não o sabemos pois ele não se apresenta da mesma forma em uns e outros. O que eu creio haver compreendido acerca da maneira como ele se apresenta nos brasileiros,

---

\* Conferência proferida no encerramento do Colóquio Franco-brasileiro de Psicanálise, organizado pela Association Freudienne Internationale e Maison de l'Amérique Latine, em 09/7/89.

<sup>1</sup> O autor joga com a homofonia entre *dessert* (sobremesa, em francês) e *des-ser*, em português (N. do T. ).

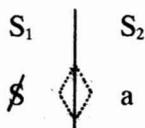
devo-o aos meus analisantes brasileiros ou aos casos que tive em controle. É o único acesso, que creio ser autêntico, que pude ter quanto ao Brasil, e isto me permite lhes propor muito sucintamente uma escritura com a qual vocês farão o que quiserem.

Nossa relação com a linguagem nos introduz a essas dimensões que vocês conhecem bem, do Real, do Simbólico e do Imaginário. Eles têm uma solidariedade natural, porém existem às vezes circunstâncias históricas nas quais o Real se apresenta num estado de oposição, de rebelião, de estranheza em relação ao Simbólico. Ou seja, circunstâncias nas quais o Real não se acha mais atado desde a origem ao Simbólico. O que ocorre em tais circunstâncias históricas, que seriam circunstâncias freqüentes, é que da parte daqueles supostos representarem o Simbólico, exerce-se uma ação violenta para assegurar a captura, o laço com o Real, ou seja, para permitir o gozo. A dificuldade é que esta mesma ação violenta vem destruir a propriedade do Simbólico, que é justamente de fazer laço natural com o Real, uma vez que ela priva o Simbólico daquilo que é o seu caráter de domínio, só que domínio real e não mais simbólico.

O que eu estou tentando evocar com vocês é uma situação que me parece ser aquela de todas as situações coloniais. Isto me parece poder inscrever-se modificando a escritura dos quatro discursos, uma vez que nesse caso tudo se passa como se o traço do corte se encontrasse deslocado e viesse funcionar entre S<sub>1</sub> e S<sub>2</sub>.

$$\begin{array}{c|c} S_1 & S_2 \\ \hline \$ & a \end{array}$$

Se o que eu lhes proponho como tipo de escritura é correto, isto acarreta inevitavelmente um certo número de conseqüências. A primeira quanto à escritura da fantasia, uma vez que esta não se escreve mais com uma punção devido ao corte absolutamente estranho que existe entre o sujeito de um lado, e seu objeto, do outro.



Isto quer dizer que a princípio o sujeito está sempre inquieto quanto à manutenção da sua existência, está sempre incerto quanto ao seu lugar, quanto à manutenção do seu lugar e está numa relação com o seu objeto, não como se ele tivesse sido perdido, mas como se ele tivesse sido roubado. Ou seja, para manter-se como sujeito ele terá inevitavelmente tendência a confundir-se com o significante mestre,  $S_1$ , o que produz com efeito uma forma de histeria bastante particular, e por outro lado ele confundirá inevitavelmente o objeto do seu gozo com o objeto  $a$ . Para manter-se como sujeito ele necessitará então de uma presentificação do objeto  $a$ , o que, como vocês vêm, é uma das modalidades da relação perversa.

Chamarei rapidamente a atenção de vocês sobre duas outras conseqüências eventualmente possíveis. É que o lugar do gozo é habitado inevitavelmente pelo imaginário fálico, ou seja, a mulher que vier nesse lugar será com efeito condenada a uma mascarada fálica absolutamente transparente. E se para nós, para o falasser, esse é o verdadeiro lugar de onde Isso governa, o mestre se encontrará numa relação singular com esse lugar, com esse lugar feminino, uma vez que ele poderá ter o sentimento de que

jamais cumpre tão bem a sua virilidade senão quando ocupa esse lugar, que é um lugar feminino. Conhecemos por outro lado a feminização inevitável do mestre desde que escapa à castração.

É claro que eu estou falando de várias coisas ao mesmo tempo. Primeiramente disso que nós compreendemos muito bem, que é como uma cultura oprimida pode preservar-se e continuar a transmitir-se ao preço de uma feminização, de uma feminização dos seus membros. Uma outra observação ainda: se é verdade que entre  $S_1$  e  $S_2$  vem esse corte, não funcionaria mais essa simpatia que está na base do nosso laço social. É evidente que nós funcionamos habitualmente sem que haja um policial para vir nos despertar e nos levar ao trabalho de manhã. No caso presente, podemos ver como a solidariedade entre  $S_1$  e  $S_2$  solicita uma ação, não mais simpática, e sim violenta, para poder ser mantida.

Se retomarmos a questão da antropofagia, por que será que ela nos questiona tão intensamente? Porque ela é a ambição de que seja bem sucedida uma introjeção sem consequência simbólica alguma. Dito de outra forma, posso ir a todos os seminários de todas as escolas, estou tranquilo, existem coisas boas em toda a parte, sempre há algo de bom para absorver, mas sei que no final eu me encontrarei tal como eu era antes. Eu me permito dizer que esta não é necessariamente a posição dos analistas, mas em todo caso é nitidamente o ideal antropofágico. Parece-me que esta escritura permite compreendê-lo, ou seja, como aquele que está na posição de domínio pode gozar de todos os objetos que se apresentarem; ele não será abalado na sua posição de domínio, já que esses objetos só virão nutrí-la.

Existe – e esta será a última observação que eu farei quanto a uma eventual utilização desta escritura – existe uma forma neurótica particular que vem inscrever-se nesta figura, tanto de um lado quanto do outro, pois eu me permito fazer-lhes observar que se não há laço natural entre um lado e outro, existe contudo uma cumplicidade certa, inevitável, porque eles têm necessidade um do outro. A figura neurótica particular que me parece vir inscrever-se sobre estas fórmulas, é aquela que eu chamaria de *histeria pseudo-paranóica*, ou seja, uma posição subjetiva que só se afirma a partir da referência ao significante-mestre, e que sente como uma ameaça tudo que é da ordem da alteridade.

A respeito disso que eu escrevo aqui eu estou exatamente como vocês, ou seja, eu ignoro a sua validade. Eu tento apenas pensar a transformação da relação com a linguagem introduzida pela situação colonial. Será que isto escreve um novo discurso? Não, porque o discurso é o que faz laço social, e com esta escritura o laço social só pode ser mantido pela violência. Como vocês vêem, nesta escritura, o outro, o pequeno outro, não é necessariamente reconhecido como um semelhante. Ele só tem valor enquanto assegura o meu gozo. E esse gozo que eu sou levado a exercer sobre ele só vale na condição de tratá-lo como um dejetivo. Ou seja, esse gozo não tem limite. É evidente que a referência à sexualidade vem necessariamente moderar esta escritura, já que a relação própria, original de cada um com a linguagem encontra-se mantida sob uma forma oculta, porém está presente. Parece-me que podemos ver, entretanto, como a relação sádica pode vir substituir a relação sexual neste dispositivo. Eu me permito assinalar que se não existe relação sexual, a relação entre o mestre e o escravo é garantida, existe uma relação entre o mestre e o escravo.

Gostei muito do livro de Gilberto Freyre, “*Casa Grande e Senzala*”, não por ser um livro correto, e eu não sei se pode existir livro correto sobre a questão, porque cada pesquisador parte das suas hipóteses, e é normal que ele acabe encontrando um certo número de fatos que as confirmem; mas eu acho que trata-se de uma grande obra lírica sobre o nascimento do Brasil, já que ele conta que o Brasil é o fruto de um português lúbrico, que só pensava “naquilo”, e de uma bela índia lambuzada de vermelho que penteava delicadamente seus cabelos nas águas de um rio. Neste sentido, trata-se de uma criação mítica, à qual só podemos ser sensíveis, visto que ela parece organizar a topologia brasileira como constituída na realidade por um lugar duplo do tipo daquele que eu escrevi no quadro. Vocês estão vendo que eu me viro com este tipo!

Neste dispositivo que eu escrevi no quadro, o Outro é sempre o grande Outro, sempre ameaçador, habitado por forças obscuras que o mestre não conseguiu civilizar. Corro sempre o risco de ser absorvido por ele, de ser engolido na sua guela. O problema da identificação sexual, que, parece-me, foi muito bem abordado no decurso destas jornadas, é de fato particularmente difícil de resolver, já que eu não posso saber se o cumprimento autêntico da virilidade não se situaria do lado feminino. E, como foi levantado muito bem no decorrer destas jornadas, o travesti nos ensina muito a respeito disso.

Quando os portugueses chegaram às costas brasileiras encontraram os índios que, é claro, conheciam a castração, visto que eles tinham sistemas de parentesco e que havia um jogo muito sutil de mulheres interdítadas; po-

rém eles não puderam reconhecer essa forma de castração como semelhante, como fundamentalmente idêntica à sua, e foi por isso que eles procuraram civilizá-los, já que civilizar não quer dizer outra coisa senão impor sua castração ao outro. Porém, como eu observava há pouco, quando esta é feita por meio da violência, no mesmo movimento ela entra no registro do traumatismo e não tem mais a ver com o que chamamos castração simbólica.

É claro, entretanto, que os próprios mestres encontram-se desnaturados pelos efeitos que eles introduzem, ou seja, que eles próprios esquecem o lugar de onde vêm. É um tema que foi particularmente levantado no decorrer destas jornadas, por Alduísio Moreira de Souza, entre outros. Esta questão do reencontro do lugar de origem, a questão do lugar próprio, se faz evidentemente pela travessia do nome, mas é mais para tentar reencontrar aquele que seria o lugar original do sujeito. A questão é saber se com esse tipo de subversão produzida pelo efeito colonial o lugar próprio ao sujeito pode vir a ser reencontrado, seja pelo escravo, seja pelo mestre.

Com isto chegamos à última questão que eu abordarei esta tarde, aquela dos problemas que isto suscita no tratamento, pois se a busca do sujeito é a do seu lugar, a de dar uma voz possível ao seu desejo, ela é bem a busca de um lugar original que se encontra anulado por esse efeito colonial. Uma das questões que eu pude me colocar na minha própria prática foi portanto a seguinte: qual poderia ser a forma esperada, possível, de um tratamento analítico, já que um tal sujeito está inevitavelmente engajado num apelo desesperado ao pai, a quem pode

responder; é isso que Lacan chamava a pulsão invocante, ou seja, uma prece enlouquecida.

Aí eu só posso lhes dizer o recurso que eu tive, que eu forneci a mim mesmo, e que foi o seguinte: se a relação original com a linguagem subsiste, apesar de pervertida pelo fato colonial, na medida em que ela subsiste, contudo, é portanto autorizado, permitido, que o sujeito tenha acesso ao que são as conseqüências desta relação original com a linguagem, acerca das quais sabemos que elas ilustram isto: que o recurso não está ligado a qualquer pai real que seja, por mais sábio, por mais bonito, por mais charmoso, por mais... eu sei lá o quê, tudo que vocês quiserem que ele seja. O recurso está portanto na prova, não mais traumatizante, e sim puramente simbolizada, disso que é a relação do sujeito com a língua, e que faz, como eu dizia no início, que a sobremesa seja também o aperitivo, que o *des-ser* seja reencontrado na saída como estava inscrito, como estava assinalado no menu desde o início.

Escutando a mim mesmo eu não me achei saboroso, mas reconheçam que eu fui breve !

Tradução: Marcus do Rio Teixeira

Revisão: Angela Baptista do Rio Teixeira

Transcrição: Angela Ferretto e

Marie-Christine Laznik-Penot

**Sobre o autor:**

Psicanalista, membro fundador da *Association Freudienne Internationale* e da *Fondation Européenne pour la Psychanalyse*. Colaborador próximo de Lacan, foi diretor de ensino da Ecole Freudienne de Paris e responsável pela revista *Scilicet*. É autor dos livros (editados no Brasil): *Novos Estudos sobre a Histeria* (Artes Médicas, 1985); *Estrutura Lacaniana das Psicoses* (Artes médicas, 1991); *Alcoolismo, Delinquência, Toxicomania: uma outra forma de gozar* (Escuta, 1992); *Imigrantes: Incidências subjetivas das mudanças de língua e país* (Escuta, 1992).